

Economia

Editor: Carlos Alexandre de Souza // carlosalexandre.df@dabr.com.br
3214-1148 / 1191 (Economia)

6 • CORREIO BRAZILIENSE • Brasília, sexta-feira, 1º de janeiro de 2021



Salário mínimo
Na quarta-feira

R\$ 1.100

R\$ 5,188
(▲ 0,112%)

Dólar
Últimas cotações (em R\$)

| | |
|-------------|-------|
| 21/dezembro | 5,122 |
| 22/dezembro | 5,162 |
| 23/dezembro | 5,201 |
| 28/dezembro | 5,238 |
| 29/dezembro | 5,182 |

Euro
Comercial, venda na quarta-feira

R\$ 6,377

Capital de giro
Na quarta-feira

4,95%

CDB
Prefeito 30 dias (ao ano)

1,91%

Inflação
IPCA do IBGE (em %)

| | |
|---------------|------|
| Julho/2020 | 0,36 |
| Agosto/2020 | 0,24 |
| Setembro/2020 | 0,64 |
| Outubro/2020 | 0,86 |
| Novembro/2020 | 0,89 |

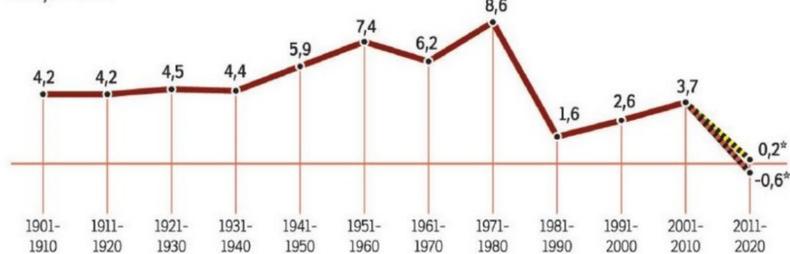


Medidas fiscais adotadas para combater a pandemia da covid-19 evitaram queda ainda maior do Produto Interno Bruto, mas não impediram retração recorde na economia. Rombo fiscal e pressão inflacionária traçam cenário de incertezas para 2021

Passado ruim e futuro incerto

Mesmo com as projeções mais otimistas do mercado, como a do Credit Suisse, o crescimento médio do PIB brasileiro vai encerrar a década de 2020 com o pior desempenho da história, e, para os próximos anos, o futuro ainda conta com muitas incertezas

Evolução PIB nos últimos 120 anos – Média de cada década (Em %)
Variação - Em %



Crescimento do PIB por governos
Desempenho do PIB no governo Bolsonaro será nulo na média do mandato pelas projeções da 4E Consultoria



2020 fecha pior década da história

» ROSANA HESSEL

O ano de 2021 começa repleto de dúvidas, especialmente, em relação ao início da vacinação em massa contra a covid-19 no Brasil. Já as certezas são muitas. Uma delas é que o impacto da pandemia na atividade econômica acabou sendo menor do que o inicialmente esperado, devido às medidas fiscais adotadas pelos governos globalmente. Caso contrário, a queda seria mais do que o dobro, de acordo com analistas ouvidos pelo Correio. Um consenso entre eles é de que a década encerrada em 2020 foi a pior da história, ou, pelo menos, dos últimos 120 anos.

Levantando do Credit Suisse, considerando uma retração de 4,3% da economia brasileira em 2020 — uma das previsões mais otimistas do mercado —, estima que o crescimento médio anual do Produto Interno Bruto (PIB) da década ficará em 0,2%, abaixo do verificado nos anos 1980, quando a taxa foi de 1,6%.

“A recessão provocada pela pandemia foi profunda, mas as medidas fiscais impediram uma recessão bem mais grave”, destaca Solange Srouf, economista-chefe do Credit Suisse Brasil. Para ela, a covid-19 foi uma “tempestade perfeita” que se abateu sobre o já baixo crescimento da economia brasileira nos últimos anos. E, entre os muitos desafios em 2021, o governo vai ter que lidar com o legado de deficit fiscal e pressão inflacionária, fatores que podem travar uma retomada mais robusta da atividade.

A previsão do banco suíço para a expansão do PIB brasileiro de 2021, de 4%, está acima da mediana das estimativas do mercado, de 3,5%. Apesar das perspectivas positivas, o Brasil ainda deverá crescer menos do que a média global e do que vários países vizinhos e emergentes, pois o principal motor para um crescimento sustentável, o investimento, continuará fraco, devido à desconfiança dos agentes econômicos.

Um dos motivos é que grande parte desse avanço será meramente estatístico. Conforme estimativas dos especialistas, a taxa de carregamento para o PIB do ano que vem, devido à base muito baixa deste ano, varia entre 2% e 3,5%.

“Se o PIB cair 4,5% neste ano, o crescimento no ano que vem facilmente chegará a 3,5%, porque o nível de comparação será muito baixo”, afirma o economista Simão Silber, professor da Universidade de São Paulo (USP). Ele acredita que, depois de 2021, o desempenho será muito parecido com o padrão anterior à pandemia, com crescimento de 2% ao ano, “o que é muito modesto”.

Desemprego

Vale lembrar que, antes mesmo da chegada da covid-19, o país já não vinha conseguindo avançar em ritmo forte depois da recessão de 2014 a 2016. Alessandra Ribeiro, sócia da Tendências Consultoria, destaca que há muitas incertezas em relação ao próximo ano, especialmente, na área fiscal. Segundo ela, 2021 não poderá ser pior do que 2020, mas a recuperação do mercado de trabalho será lenta, e ainda haverá aumento do desemprego, com chances de a taxa de desocupação romper a barreira de 17%.

“O cenário é bem desafiador, ainda que o processo de recuperação da economia esteja em curso”, alerta. Uma das maiores preocupações dos especialistas é com o atraso no processo de vacinação no Brasil. Sem imunização em massa, diz a economista Sílvia Matos, coordenadora do Boletim Macro do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre), não será possível uma retomada do setor de serviços, que tem o maior peso no PIB, e não se confirmará a retomada em V apontada pelo ministro da Economia, Paulo Guedes.

Conforme estimativas do instituto, considerando uma queda de 5,4% no PIB per capita de 2020, a queda média anual do PIB entre 2011 e 2020 foi de 0,6%, desempenho pior do que o dos anos 1980. “Esta é a verdadeira década perdida; o quadro é péssimo”, resume Sílvia Matos.

Agenda liberal de Guedes fica no papel

Num balanço dos dois primeiros anos do governo Jair Bolsonaro, há poucos fatores positivos para serem apontados. A agenda liberal não ajudou na decolagem do país prometida pelo ministro da Economia, Paulo Guedes. Além disso, devido à pandemia, Guedes enfrenta o maior rombo anual das contas públicas, numa clara contraposição à pauta fiscal que defende. Segundo analistas, mesmo a PEC Emergencial, proposta de emenda constitucional enviada ao Congresso em 2019, e que era uma das prioridades, não evoluiu, num sinal claro de falta de foco. É difícilmente o governo conseguirá avançar em novas reformas nos dois anos que faltam para o fim do mandato de Bolsonaro.

Em apenas dois anos, o governo Michel Temer entregou muito mais do que Bolsonaro e Guedes devem conseguir em quatro, na avaliação de Alessandra Ribeiro, sócia da Tendências Consultoria.

“O governo atual deu continuidade a muita coisa que tinha sido bem encaminhada pelo governo anterior, como o teto de gastos. É um mérito ter dado seguimento a uma agenda boa”, destaca. Contudo, a economista lamenta o descumprimento de promessas da campanha, como acelerar concessões e privatizações e zelar o deficit fiscal no primeiro ano de governo, “que estavam desconectadas da realidade”.

Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados, considera negativo o saldo da atuação do governo durante a pandemia. “As reformas feitas, como a da Previdência, foram a contragosto do presidente, mas a agenda fiscal piorou muito em 2020 e não há sinais de que vá melhorar em um governo enfraquecido e indo para o seu final”, afirma.

O economista Simão Silber, professor da Universidade de São Paulo (USP), vê com desconfiança o esvaziamento do Minis-

tério da Economia e o desmantelamento da agenda proposta. “O presidente está pensando em 2022 e em livrar os filhos de processos. Os ministérios relevantes vão ser entregues para o Centrão na próxima reforma da Esplanada, e só será aprovado o que for compatível com a reeleição dele”, lamenta. Silber não enxerga grandes avanços na reforma administrativa, em controle de gastos e em como fazer o Orçamento caber no teto de despesas. “Com isso, a taxa de câmbio pode explodir, a inflação aumentar e a economia, ter uma trajetória ruim”, resume.

A economista Juliana Inhasz, professora do Insper, lembra que a lista de promessas não cumpridas é extensa. “Nesse balanço de 24 meses de governo, a perda de credibilidade é muito grande e o presidente já não tem o mesmo apoio do início de mandato para continuar promovendo reformas”, afirma. (RH)

Abaixo da média
Depois do choque da recessão da pandemia, o país recuou menos do que as projeções iniciais, mas deverá se recuperar em 2021 com taxas abaixo da média global e das médias de países desenvolvidos e de emergentes



Projeções para o PIB do Credit Suisse - Em %

| | 2020 | 2021 |
|-------------------------|-------|------|
| Mundo | -3,6 | 4,2 |
| Economias desenvolvidas | -5,4 | 4,2 |
| Estados Unidos | -3,6 | 6,0 |
| Canadá | -7,1 | 6,4 |
| Reino Unido | 9,8 | 6,4 |
| Japão | -5,0 | 1,5 |
| Zona do Euro | 7,6 | 4,6 |
| Economias Emergentes | -0,9 | 4,2 |
| China | 2,2 | 7,1 |
| Índia | 4,2 | -9,0 |
| Coreia do Sul | -1,2 | 2,9 |
| Rússia | -4,0 | 2,7 |
| Turquia | -0,4 | 4,5 |
| África do Sul | -8,0 | 3,8 |
| Argentina | -12,2 | 3,9 |
| Brasil | -4,3 | 4,0 |
| Chile | -7,0 | 5,2 |
| Colômbia | -8,2 | 3,8 |
| Equador | -8,2 | 3,8 |
| México | -9,5 | 3,2 |
| Peru | -15,0 | 7,5 |

Fontes: Tendências Consultoria, Credit Suisse, 4E Consultoria e FGV Ibre